

Mistério e revelação na poesia

MARIA DE LOURDES UTSCH MOREIRA

As liberdades tomadas com a sintaxe, com a própria estrutura e disposição do verso (metro, rimas, estrofes) e todas as explorações possíveis ao nível do significante, na poesia moderna, aparentemente, e só aparentemente, facilitaram o versar, proporcionando o surgimento, em massa, de "poetas". Muitos, porém, são os chamados, mas poucos os eleitos, aqueles que conseguem atingir o valor poético. Neste veio abundante, que se abriu, haja bateias para apurar o que realmente é valioso. Constitui uma tarefa bem próxima à de Sísifo separar neste caudal de publicações a poesia genuína da mistificação enganadora e apontar os verdadeiros poetas. Essa é a colocação do problema sob a perspectiva do leitor.

Do outro lado, sob o ponto de vista do autor, esta poesia inflacionária, arvañcadora, dificulta a circulação da poesia de boa qualidade, ocupando, indevidamente, o seu lugar, fazendo-a passar despercebida. Quantos poetas categorizados mantêm-se médios por longos anos, até por toda a vida. Outros, num rasgo de coragem, deixam-se publicar, o que fazem com timidez e extrema discrição. Assim me parece ser o caso do livro de Elizabeth Gontijo, lançado em 1991, sem alarde, nem toque de caixa, mas que não pode desaparecer na vala comum da versalhada. Intitula-se "De Cor".

Todo o tratamento gráfico, a capa, a qualidade do papel, a disposição das epígrafes e dos poemas nas páginas, enfim, todo o aspecto material condiz com o espírito da obra. A impressão que se tem aos primeiros contatos com o livro é a de que, ao escrevê-lo, a autora inspirou-se num relicário — uma coisa preciosa, envolvendo mistério e revelação. Ao mesmo tempo que resguarda um segredo, tenta abrir-se em confissão.

A poeta tira seus temas das ocorrências normais da sua própria vida: fatos prosaicos, os mesmos da vida de qualquer mulher, expressos, sem sentimentalismo, não adiposidade,

em imagens sutis, com a simplicidade e o ritual de quem coloca retratos num álbum de família, seguindo uma cronologia linear. Em versos de extrema brevidade, tenta fixar os momentos marcantes da mundividência feminina, através de "signos de grande segredo": (A Urna). Mesmo assim, dá para identificar a presença de Minas, um suave saudosismo, e a emoção do primeiro baile, a primeira entrega, os malogros afetivos, o remoer solitário das paixões reprimidas, as cogitações existenciais da meia-idade, um profundo enlevo filial (num dos mais belos poemas), a inserção a uma distante linhagem de mulheres severas e submissas:

Miha avó,

a avó de minha avó...

Sonhos de macela e alecrim.

Os mesmos meus.

Bordados no silêncio de tardes vermelhas,
ponto de cruz,
linho, viagem

(...)

Corações gravados com o fogo
das veias de vigília

(...)

Mulheres de véu e grinalda
guardam infinitamente a semente
(Itinerando).

"De Cor", o título do livro, refere-se tanto ao coração (sentimento), à memória (recordação) e às cores; em sua simbologia convencional, bem exploradas pela autora. Entre elas, destacam-se o roxo, cuja síntese de vermelho — a chama, a vida — e azul (véu) imprimem à poesia de Elizabeth Gontijo traços de espiritualidade, melancolia, modéstia, recolhimento. Um vocabulário sugestivo (cobrir, prensar, trancar, arca, caixa, caverna, chave, cofre, gruta, laçre, urna, etc) é uma pontuação certinha, segundo a gramática normativa, confirmam a característica da contenção e da prudência na elaboração de sua poesia. Importante foi a citação do seu próprio universo poético. Agora, falta expandir-se e soltar-se um pouco mais.



Elizabeth Gontijo: imagens sutis como álbum de retratos